

A literatura para os mais novos como janelas para as relações interculturais: o caso das personagens chinesas

Literature for the youngest as windows to intercultural relations: the case of Chinese characters

Glória Bastos

Universidade Aberta
gloria.bastos@uab.pt
ORCID: 0000-0002-1432-225X

RESUMO

O lugar da literatura para crianças e jovens no plano formativo tem sido largamente discutido e explorado. Em particular, e considerando o seu papel nos processos de socialização, sobretudo durante a infância, a literatura pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes de compreensão e respeito pelas diversas culturas, potenciando um melhor entendimento do mundo que nos rodeia. Estas dimensões são analisadas a partir de um conjunto de livros para crianças e jovens, de autores portugueses, e com personagens chinesas em contextos diversificados. Verifica-se que através do olhar dessas figuras é possível entrever anseios e expectativas partilhadas, enquanto se constroem processos de autoconhecimento nas personagens de origem portuguesa que com elas contracenam.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura para crianças e jovens, personagens chinesas, alteridade, diálogo intercultural.

ABSTRACT

The place of literature for children and young people in the educational field has been widely discussed and explored. In particular, and considering its role in socialization processes, especially during childhood, literature can contribute to the development of attitudes of understanding and respect for different cultures, enhancing a better understanding of the world around us. These dimensions are analyzed from a set of books for children and young people, by Portuguese authors, and with Chinese characters in different contexts. It can be seen that through the eyes of these figures it is possible to glimpse shared desires and expectations, while processes of self-knowledge are constructed by means of the characters of Portuguese origin who interact with them.

KEYWORDS

Literature for children and youth, Chinese characters, Otherness, Intercultural dialogue.

1. Introdução

A literatura para crianças e jovens pode desempenhar um papel relevante no âmbito do desenvolvimento de uma consciência intercultural e de cidadania cosmopolita. Tem sido amplamente discutido, no plano nacional e internacional, o lugar dos livros para os mais novos nos seus processos de formação. Sem esquecer a dimensão estética, sobretudo no caso da literatura, há também uma dimensão ética que importa considerar. Na verdade, a leitura de literatura possibilita um movimento de vai-e-vem entre a dimensão inventiva do texto e a própria vida, e esse movimento enriquece e simultaneamente oferece instrumentos (de vária ordem: linguística, retórica, textual, ética, estética...) para compreender o mundo e, conseqüentemente, para poder agir nele e sobre ele.

Pode-se afirmar que ler é um ato de construção pessoal, um ato de cultura e também um ato de intervenção. E é nestas dominantes que a leitura se inscreve, sobretudo em contexto escolar. Não é por acaso que a literacia em leitura é definida pela OCDE (PISA) como a capacidade para compreender, usar textos escritos e refletir sobre eles, não apenas para atingir determinados propósitos ou para desenvolver o conhecimento pessoal, mas também para participar na sociedade. Esta associação encerra uma dimensão pró-ativa essencial para um entendimento atual alargado das diversas “funções” que a leitura assume na vida de cada um.

A prática da leitura em geral e da leitura literária em particular inscreve-se, assim, na construção de uma experiência e identidade pessoal e social da criança e do jovem e de um percurso cultural que se deve igualmente articular com o desenvolvimento do pensamento crítico. Desta forma, o papel da literatura nos processos de socialização, sobretudo durante a infância, pode, entre outras dimensões, relacionar-se com a construção de atitudes de respeito e aceitação das diferenças culturais e étnicas, potenciando uma melhor compreensão do mundo que nos rodeia. Recordamos as palavras, já com mais de duas décadas, mas sempre atuais, de Stoer & Cortesão (1999), ao defenderem uma cidadania fundamentada na democracia participativa onde as subjetividades e as diferenças culturais são valorizadas dentro da própria escola. Esta cidadania constrói-se “através da inclusão da diferença e não pela sua exclusão” (p. 49).

Consideramos ainda que as artes, em geral, e a literatura, em particular, permitem, através da experiência vicária, sentir e compreender as emoções do outro, as suas expectativas e desejos, e têm um importante papel na nossa perceção sobre as pessoas que nos rodeiam, como sublinha Martha Nussbaum, no

seu livro *Cultivating Humanity* (1997), ao dissertar sobre a “narrative imagination” enquanto processo que estimula a compreensão de distintas vivências, desenvolvendo nos leitores um “olhar interior” que, como sublinham outros autores (Duncan, Bess-Montgomery & Osinubi, 2017), aumenta a nossa inteligência social. Estas dimensões ganham especial relevância quando consideramos a escrita para crianças e jovens e a forma como estes leitores se poderão relacionar com as mensagens que lhes são oferecidas através dos livros, livros estes que lhes facultam encontros textuais com a alteridade. Podemos assim afirmar que certos textos literários transportam em si um potencial educativo que deve ser tido em consideração quando falamos da promoção do diálogo entre as culturas. Como advogam igualmente diversos investigadores, nacionais e internacionais, há várias décadas (por exemplo, Rasinski & Padak, 1990; Short, 2009; Morgado e Pires, 2010), a literatura para crianças e jovens pode constituir-se como um espaço de representação da diversidade cultural que nos rodeia, almejando desta forma contribuir “para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o mundo e para a promoção educativa, tanto da tolerância em relação aos que são percebidos como diferentes como da solidariedade para com os que sofrem qualquer tipo de marginalização ou esquecimento nas sociedades contemporâneas” (Morgado e Pires, 2010, p. 14).

A literatura para crianças e jovens pode, pois, tornar-se numa das várias “janelas” de acesso a uma maior compreensão sobre o mundo e as relações interculturais. Esta situação vai ao encontro das perspetivas defendidas pela UNESCO no âmbito da educação intercultural e da cidadania global (por exemplo, 2006 e 2014), considerando igualmente que o conceito de interculturalidade aponta para “the existence and equitable interaction of diverse cultures and the possibility of generating shared cultural expressions through dialogue and mutual respect” (UNESCO, 2005, p. 8). De facto, importa considerar que a abertura à diversidade, à existência de diferentes modos de viver, de olhar e de compreender o mundo constitui uma capacidade fundamental na sociedade atual, marcada pela elevada mobilidade dos indivíduos e pelo estabelecimento de relações à escala global. Desta forma, é fundamental que a criança e o jovem aprendam a considerar e a reconhecer pontos de vista diferentes, contribuindo-se, por esta via, para expandir o seu sentido de justiça e de equidade. Como afirmam Osler e Starkey (2005), é importante que se destaque o que une os seres humanos e não o que os divide, enfatizando o papel da educação na construção desse percurso. A existência de um compromisso social, nomeadamente das escolas, com a promoção da igual-

dade e da diversidade é essencial para o desenvolvimento da cidadania ativa nos jovens e de uma democracia inclusiva.

Neste contexto, considera-se que a literatura infantil e juvenil pode desempenhar um papel relevante para atingir os propósitos enunciados, nomeadamente os livros que colocam em ação personagens oriundas de outras geografias ou com diversas origens culturais. No panorama da literatura portuguesa para os mais novos encontramos alguns livros que narram acontecimentos envolvendo figuras com essas características. Não sendo um traço muito marcante em Portugal, por comparação com os livros escritos em contextos mais marcadamente multiculturais, em que a presença de tais protagonistas é um facto comum (refira-se, como elemento comparativo, a literatura para crianças e jovens editada no Reino Unido ou em França, para focar apenas o contexto europeu), surgiram, todavia, sobretudo a partir do início do século XXI, algumas obras que integram essas personagens. Na maior parte dos casos, essas personagens situam-se numa faixa etária semelhante à dos potenciais leitores, facilitando-se, por essa via, os processos de empatia e de identificação com os problemas dos intervenientes na ficção literária.

Neste artigo, focamos especificamente o caso de personagens chinesas, presentes em livros editados para crianças e jovens, de autores portugueses. Integradas em narrativas situadas em contextos diversos, com um registo próximo da realidade, estas personagens permitem ao jovem leitor refletir sobre a alteridade, apoiando uma compreensão mais ampla das várias tonalidades que marcam a vida comum em sociedade. Assim, começamos por destacar um livro para crianças, de uma escritora que tem marcado o panorama editorial com um projeto pessoal de escrita muito significativa. Em seguida, abordamos dois contos para um público juvenil de autores consagrados da chamada literatura para adultos. Estes três livros integram ou integraram as listas do Plano Nacional de Leitura. Além deste último aspeto, que confere a estas obras uma posição de destaque em termos das propostas que geralmente professores e outros mediadores de leitura podem fazer, consideramos igualmente que se integram no conjunto de livros que facilitam uma perspetiva multicultural da sociedade – apoiando crianças e jovens “in understanding a ‘larger picture’ of themselves in the world” (UNESCO, 2024, p. 25) –, e o diálogo intercultural, retratando o encontro entre figuras de diferentes grupos culturais e étnicos (neste caso concreto, portugueses e chineses) e a descoberta mútua.

2. António e Lia: percursos em comum

Margarida Botelho é uma escritora da geração que começa a publicar para crianças já neste novo século, com um projeto pessoal onde se destaca a responsabilidade por todo o trabalho editorial, desde a autoria do texto e das ilustrações, à conceção e desenho do objeto livro. Tem estado envolvida em experiências de intervenção, em que o livro espelha as dinâmicas das comunidades em que essas ações se concretizam, como é o caso dos volumes que compõem a coleção “Poka Pokani”.

No livro *A coleção*, publicado em 2007 e distinguido no âmbito do prémio de ilustração desse ano, deparamos com uma narrativa peculiar apresentada de forma pouco convencional. De facto, a leitura deste livro processa-se de uma maneira diferente do que é habitual, ao fazer-se virando as páginas para cima, no sentido vertical, tal como se estivéssemos levantando a tampa de uma caixa, sendo a capa ocupada quase integralmente com a imagem de uma caixa com a inscrição do título, e as mãos de duas figuras, que serão as personagens centrais da história. Note-se ainda que as técnicas de ilustração usadas por Margarida Botelho conferem uma natureza específica a este livro, sendo que, como menciona Santos no seu estudo, “a utilização de objetos tridimensionais já existentes ou a criação de novos com colagens e tintas dota os volumes de uma expressividade especial proporcionando ao leitor uma relação com o livro distinta da habitual” (2014, p. 450).

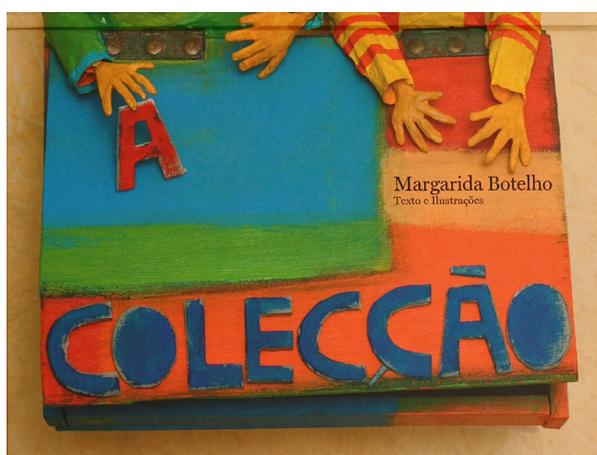


Imagem 1 – Capa do livro *A coleção*, com texto e ilustrações de Margarida Botelho, edição de autor, 2007.

A história narrada neste livro revela-nos Lia, recém-chegada a uma escola de um país onde tudo é novo para ela, a começar pela questão da linguagem, que surge como um primeiro obstáculo: “Os sons vinham de todo o lado! Eram palavras... muitas e desconhecidas para os seus ouvidos”. O silêncio e a solidão marcam assim a sua vivência diária inicial. As expressões que caracterizam a atitude da personagem são representativas desse isolamento: “encolhida junto à parede”, “olhos perdidos e aflitos”, “nunca se sentira tão sozinha”. No entanto, a novidade nesta narrativa é que o sentimento de solidão e de estranheza não acontece apenas com esta menina chinesa. De facto, em *A Coleção* o leitor é confrontado, em primeiro lugar, com a diferença entre iguais. O sentimento de solidão e de separação em relação aos demais colegas de escola começa por ser sentido por António, um menino com interesses muito específicos e particulares, com um vincado espírito de colecionador e que, não encontrando nos seus colegas interesses similares (“Todos parecem tão diferentes dele!”), sente-se “sozinho no seu mundo”.

É quando Lia chega à escola, vinda de outro país e de outra cultura, que António encontra, finalmente, alguém que partilha o seu entusiasmo por coleções. Sendo de diferentes origens e de distintos continentes, as afinidades entre eles acabam por ser mais vincadas do que com colegas que António conhecia há mais tempo. A confiança entre os dois cresce e cresce também a alegria que faltava inicialmente a Lia, e “pouco a pouco, Lia foi pertencendo àquele lugar, àquela escola, àquela coleção de pessoas”. O livro vai construindo um percurso similar entre as duas personagens, marcando primeiro a progressiva aproximação entre elas e, depois, uma mais completa inserção na turma, mediada também através das atitudes da professora. Neste processo, a comunicação tem um papel central, e naturalmente que o acesso à linguagem verbal irá ter um lugar determinante, proporcionando novos episódios de descoberta entre todos no grupo. Através de atividades lúdicas, os caracteres chineses e as letras vão criando novos laços e ajudar a construir a harmonia naquele coletivo, simbolicamente expressa através de uma imagem musical: “Parecia uma música a ser tocada pela primeira vez!”

3. Personagens chinesas em livros para jovens

No âmbito da literatura de potencial receção juvenil, escolhemos como foco de análise o conto “O Jantar Chinês”, do volume *O Jantar Chinês e Outros Contos*, de Maria Ondina Braga, publicado em 2004, pela Editorial Caminho, na coleção

juvenil «Livros do Dia e da Noite». Este livro, que já esteve integrado na lista do PNL para leitura orientada na sala de aula com alunos do 6.º ano de escolaridade, é o relato, como se pode ler na contracapa, de «experiências de vida» da autora, decorrentes da sua permanência na China. Num breve apontamento biográfico, recorde-se que Maria Ondina Braga foi professora em Macau, entre 1961 e 1965. As vivências que caracterizam esse período da sua vida foram transpostas para a sua obra ficcional para adultos (assinale-se, como exemplos, a coletânea *A China Fica ao Lado*, 1968, ou *Nocturno em Macau*, 1991).

Escrito numa perspetiva memorialística, narra uma visita ao Porto Interior de Macau, densamente povoado na época dos acontecimentos relatados. A partir do olhar atento e emotivo da contadora, os leitores a quem ela chama “meus amigos”, são guiados por entre os barcos dessa outra cidade a “balouçar no rio das Pérolas” até à casa de Yu, um dos meninos que frequenta a escola e já conhecido da narradora. O local onde mora Yu com o seu avô é descrito com algum pormenor, evidenciando-se a simplicidade do espaço (apenas uma esteira para dormir, uns banquinhos de bambu...) e o facto de, em menos de três metros, (con)viverem humanos e animais domésticos (animais de capoeira, pássaros e um cão).

Como já foi explorado anteriormente (Tomé & Bastos, 2011), este encontro com Yu e a sua vida simples e pobre e, paralelamente, com a gigantesca dignidade e riqueza interior do jovem menino e do seu avô, não deixam o leitor indiferente. Com efeito, os protagonistas recebem com a maior das hospitalidades na humilde casa-barco a “Sim-sam” (professora), partilhando com ela parte do seu jantar (arroz e legumes) e oferecendo-lhe também um precioso ovo cozido, uma iguaria reservada apenas para dias de festa. Os leitores cruzam-se, através de uma descrição fortemente cinematográfica, com um pedaço do mundo do Outro: os barcos pequenos (*sampans*), os barcos que serviam de casa aos pescadores (*fân-siuns*), os barcos-loja carregados de mercadorias e os barcos restaurante. Através da leitura, sentem-se os cheiros a banha de porco, picantes e fritos e são apresentadas aos leitores várias iguarias gastronómicas asiáticas. As referências a um incensador em forma de Buda de grés, com o qual o avô purificava o espaço onde morava e afastava os odores nauseabundos da maré baixa e do excesso de população que partilhava o Porto de Macau, e o Cristo de barro no teto do quarto de dormir são exemplo da diversidade da cultura religiosa asiática que congrega em si uma variedade de possibilidades.

As duas personagens centrais deste conto – avô e neto – são descritas com um foco nas suas características psicológicas, revelando um carácter humano

especial, onde ressaltam a simpatia e a grandeza de espírito que comovem a narradora. Esta explica que o nome do rapazinho, Yu, significa em português jade, uma pedra oriental preciosa e de cor verde, acabando o nome do menino por, metaforicamente, espelhar a sua dimensão humana excecional. Retratando de forma realista e ao mesmo tempo impressiva o ambiente asiático e alguns dos pormenores referentes à sua cultura (gastronómica, social e religiosa), este conto apoia, de alguma forma, o conhecimento do Outro e da sua cultura. Embora este conto não esteja incluído na análise que José Oliveira Martins faz sobre a imagem de Macau na obra de Maria Ondina Braga, consideramos que também se lhe aplicam as palavras do autor, quando refere ela “corporiza nestes livros um genuíno diálogo intercultural, aproximando e cruzando culturas e mundividências muito afastadas. E fá-lo sem grelhas preconcebidas ou juízos de valor a partir do seu olhar português e ocidental. Antes mostra constantemente genuíno interesse antropológico e cultural pelo Outro” (Martins, 2019, p. 243).

Ressalte-se, ainda, a presença de um jovem protagonista, à semelhança do que ocorre no livro que abordámos antes, característica que origina uma empatia mais forte com o leitor, promovendo, de certo modo, uma aproximação ou maior adesão aos factos narrados. Mas se no livro *A Coleção* a narrativa focalizava a vivência do Outro entre nós (portugueses), retratando os conflitos resultantes desse Outro ser colocado num contexto que lhe é desconhecido e numa língua que não domina, neste caso é a protagonista, de origem portuguesa, que contacta com o espaço do Outro, simultaneamente estranho e cativante.

Com notícia de ter sido escrito em 1959, mas publicado apenas em 1979, por José Cardoso Pires, no volume *O Burro em Pé*, com ilustrações de Júlio Pomar, “O Conto dos Chineses” é reeditado em 2009 numa versão para jovens leitores, agora com ilustrações de Henrique Cayatte.

O conto narra a história de um encontro casual entre um português, segurança de um prédio em construção, que almoçava num domingo de muito calor, e dois imigrantes da China, procurando um lugar para comer. O português divide o pão e a sopa com os imigrantes “feirantes, destes que vendem carteirinhas lavradas e coisas de enfeitar raparigas” e comem em seguida todos juntos. José Roberto de Andrade apresentou, em artigo de 2013, uma leitura interessante deste conto, baseada na utilização da gastronomia como eixo central para a composição das personagens e para a problematização das suas identidades, explorando o vai-e-vem que o narrador constrói em redor das personagens em presença – o por-

tuguês e os dois chineses – que se vão descobrindo mutuamente, mas também perante o leitor.

A focalização inicial centra-se na figura do guarda das obras, perscrutando os seus pensamentos num domingo em que se celebra o São João. Esta situação estática é cortada, na linha do horizonte, com o aparecimento das figuras dos dois chineses. A sua aproximação leva o guarda a mobilizar conhecimentos, pessoais e do senso comum, sobre estes dois viajantes e o seu país de origem, a China. O primeiro contacto processa-se ainda de forma indireta, através da discussão percebida entre os dois chineses, “numa linguagem que ninguém entendia”. Quando se dirigem finalmente ao guarda, questionando-o sobre a existência de uma taberna ou casa de pasto perto, é novamente a língua que marca a distância. Perante o riso das duas filhas do guarda, um dos chineses articula “meninas”, seguido logo de um esclarecimento do narrador: “Claro que não dizia meninas como nós; dizia manine. Também não tinha dito ao chegar boa tarde. Tinha dito bôla tarde. E assim por diante”.

Note-se a utilização da primeira pessoa do plural para marcar a distinção entre os chineses e os leitores, no qual se insere o narrador. Este distanciamento inicial é acentuado pela caracterização que é feita dos chineses após aceitarem a oferta de comida: “Muito calados, os chineses comiam com uma velocidade danada. Toupeiras, ratos, bichos miúdos, era o que eles lembravam a mastigar. Mas só as bocas mexiam.”

O processo subsequente de aproximação ao Outro (os chineses) concretiza-se através do diálogo entre as personagens. Os imigrantes e o português conversam sobre as diferenças gastronómicas entre as duas culturas, principalmente porque o segurança da obra tem curiosidade sobre coisas que acredita que os chineses comem, como ratos, baratas e andorinhas. Através do diálogo, utilizado como forma expressiva para atingir os objetivos principais do narrador, acabam por descobrir que, tanto em Portugal como na China, as pessoas gostam de comer arroz, peixe, carne e passarinhos. O guarda de obras revela-se uma personagem complexa, ao mostrar-se capaz de, sem apagar os seus traços característicos, ver o igual no diferente e vice-versa (Andrade, 2013).

O diálogo favorece a alternância de pontos de vista e, desta forma, as personagens partilham sabores e formas de apanhar pássaros e, simpáticos, os dois chineses oferecem um lápis às filhas do guarda das obras, que brincavam ali perto. Explicam alguns caracteres chineses ao português, que está muito interessado e deslumbrado com a língua chinesa, estabelecendo paralelos com a sua forma

pessoal de comunicação escrita: “Lembrava-lhe a maneira como ele próprio, que não sabia escrever, apontava as suas coisas: um risco para cada saco de cimento, tantos quadrados para tantos milheiros de tijolo, uma cruz para as cargas de areia – e assim por diante”. O segurança descobre finalmente que entre a sua vida e a vida dos dois imigrantes não há grandes diferenças, sintetizando a observação numa frase: “Como nós, disse o segurança, tal como nós. No comer e em tudo”.

Este jogo de distanciamento/aproximação que o narrador vai construindo conduz os leitores a uma reflexão sobre as questões da alteridade, sobre estereótipos e preconceitos e como eles se podem constituir em barreiras no momento de interação com pessoas vindas de outro país e cultura. Por outro lado, a forma como o guarda recebe estes imigrantes acaba por ser uma lição positiva, refletindo a sua profunda humanidade. A mensagem transmitida sobre as dificuldades da vida dos imigrantes e a força do diálogo entre as culturas são certamente enriquecedoras para crianças e jovens e contribuem para a promoção de uma cidadania global. Pode-se colocar a hipótese, face ao contexto social mais recente, que terão sido eventualmente estes aspetos que conduziram à edição separada deste conto, agora com um tratamento editorial que o transforma de um conto para adultos, num conto para os mais novos. As ilustrações de Henrique Cayatte, que ocupam um espaço considerável na construção do objeto livro, preenchendo por vezes duplas páginas, constituem o elemento central que sinaliza a mudança no leitor visado, já que não se verificam alterações a nível do texto, entre a edição original de “O Conto dos Chineses”, na coletânea de 1979, e a edição autónoma de 2009.

Todavia, apesar da dinâmica construída neste conto, em direção ao encontro e diálogo entre culturas, não podemos omitir que o mesmo encerra com sinais múltiplos: se por um lado confirma o movimento de aproximação que se produziu do guarda em relação aos dois chineses, por outro lado, os pensamentos finais do português retomam e reproduzem uma certa imagem estereotipada sobre a China e os chineses, o que nos leva a refletir sobre o peso efetivo da visão inicial que o guarda transporta em si: “e sem saber porquê, via-os cobertos de um brilho de ouro, vestidos com cabaias de dragões como os mágicos do circo”.

Em termos formais, aponte-se uma diferença significativa entre o texto de Margarida Botelho e os contos escritos por Maria Ondina Braga e José Cardoso Pires. De facto, a história da primeira autora, embora de curta dimensão, dá conta do devir das personagens e a categoria narrativa tempo tem algum peso, na medida em que se percebe que as ocorrências narradas se sucedem ao longo do tempo, verificando-se a sua influência nos processos de alteração na condição das

personagens. Em contrapartida, os dois últimos textos são bem mais ilustrativos das características do conto, segundo aponta o professor Massaud Moisés no seu estudo clássico, *A criação literária: no caso das personagens destes contos*, não há passado nem futuro, o foco é num momento temporal curto e específico e toda a dinâmica narrativa está concentrada num único episódio. Ao conto interessa, sobretudo, “uma fração dramática, a mais importante e decisiva, duma continuidade em que o passado e o futuro possuem significado menor ou nulo” (Moisés, 1987, p. 21), e é exatamente esta a situação com que deparamos. No caso do relato de Cardoso Pires, os chineses não têm um passado, têm somente o imaginado pelo homem que ali conhecem. O país de onde vêm é representado apenas através de algumas imagens fabulosas e desconexas que o guarda da obra construiu na sua mente. Eles também não têm futuro, apenas sabemos que retomam o seu caminho após o almoço.

4. Reflexões Finais

Neste artigo examinámos a forma como personagens chinesas são apresentadas na literatura para os mais novos. Nos dois primeiros livros há um cruzamento com a temática das migrações, em especial na narrativa verbal e visual de Margarida Botelho. À semelhança de outros livros que se centram em personagens migrantes, este conta-nos a história de Lia, uma criança que deixou o seu país, fazendo uma longa jornada (com a sua família, pressupomos) para outra terra. Escritas na perspetiva da criança, estas histórias convidam o leitor a tomar conhecimento dos problemas e dificuldades que esta situação gera na vida dos protagonistas (Tomé & Bastos, 2013). Sendo um livro para leitores mais pequenos, foca especialmente as barreiras de comunicação e, conseqüentemente, de integração, fazendo com que os leitores reflitam e compreendam essas questões, neste caso também, como se analisou, integradas num contexto mais complexo e amplo.

Livros como *A coleção* ajudam as crianças a compreender o quão difícil deve ser para quem deixou a sua terra natal e se mudou para um país estrangeiro com uma nova língua, novos costumes e uma cultura diferente. Esta mensagem permite que os leitores estejam atentos ao Outro, às crianças imigrantes, desenvolvendo um movimento positivo na sua direção, como fez António com Lia. Estes livros mostram também que estes protagonistas têm desejos, sonhos e aspirações semelhantes a todas as crianças. E incitam à capacidade de se colocar no lugar da outra criança, apoiando o seu comprometimento, não apenas

intelectual, mas também emocionalmente com o Outro (Fittipaldi, 2008, p. 12), dando-lhes, por meio da identificação, a possibilidade de vivenciar sentimentos e outras formas de ser e viver.

Como alerta Short (2009), “students do need to find their lives reflected in books, but if what they read in school only mirrors their own views of the world, they cannot envision alternative ways of thinking and being” (p. 10). O conto de Maria Ondina Braga coloca o leitor perante essas diferenças culturais e de formas de vida, mas simultaneamente ajudando a quebrar estereótipos e preconceitos. A perspectiva que perpassa a narrativa vai no sentido da valorização do humano e do respeito mútuo.

Os livros que aqui foram objeto de análise podem promover o diálogo intercultural, ao integrar novas visões sociais e culturais do mundo que os educadores poderão aproveitar para o contexto escolar, encorajando os alunos, crianças e jovens, na sua análise reflexiva e crítica. Como sublinha Teresa Colomer, “la literatura es un potente instrumento educativo para crear una nueva representación de las sociedades actuales que incluya la diversidad de orígenes y culturas de sus individuos” (2011, p. 1). O foco, tal como nos é evidenciado tanto na história de Margarida Botelho como no conto de Cardoso Pires, não será apenas nas diferenças culturais, mas sobretudo nas experiências comuns, e no caso das crianças não será difícil encontrar muitos elementos similares, nas rotinas do dia a dia, como ir à escola, ou brincar com os amigos. O encontro com a literatura é, também, o encontro com a identidade e a alteridade e uma forma de criar uma maior disponibilidade para um exercício de cidadania ativo e crítico.

Referências bibliográficas

- Andrade, J. R. (2013). Jacinto, um português e dois chineses: A culinária crítica de Eça de Queirós e José Cardoso Pires. *Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC UEPB* – Campina Grande.
- Botelho, M. (2007). *A coleção*, s.e.
- Braga, M. O. (2004). *O jantar chinês e outros contos*. Lisboa: Caminho.
- Colomer, T. (2011). Escuela e inmigración. La literatura que acoge. *Leer.es* Retirado de <https://docentes.leer.es/2011/06/29/escuela-e-inmigracion-la-literatura-que-acoge-teresa-colomer/>
- Duncan, C., Bess-Montgomery, G., & Osinubi, V. (2017). Why Martha Nussbaum is right: The empirical case for the value of reading and teaching fiction. *Interdisciplinary Literary Studies*, 19(2), 242-259 (Special Issue: Cultivating Humanity: The Literary and Moral Thought of Martha Nussbaum).

- Retirado de <https://www.jstor.org/stable/10.5325/intelitestud.19.2.0242>
- Fittipaldi, M. (2008). Emigrantes: un viaje a través de las Imágenes. *Actas Del IV Congreso Ibérico de OEPLI sobre el Libro Infantil y Juvenil: Leo Diferente: El Libro Infantil y Juvenil desde la Diversidad Cultural*. San Sebastián: OEPLI.
- Rasinski, T. V., & Padak, N. p. (1990). Multicultural learning through children's literature. *Language Arts*, 67(6), 576-580.
- Martins, J. C. de O. (2019). Imagens de Macau na ficção autobiográfica de Maria Ondina Braga. In C. Pazos Alonso, V. R. R. Vecchi, C. Ascenso André (Eds.). *De Oriente a Ocidente: Estudos da Associação Internacional de Lusitanistas* (pp. 227-247). Coimbra: Angelus Novus.
- Moisés, M. (1987). *A criação literária* (10.^a ed.). São Paulo: Cultrix.
- Morgado, M., & Pires, M. N. (2010). *Educação Intercultural e Literatura Infantil. Vivemos num Mundo sem Esconderijos*. Lisboa: Edições Colibri.
- Nussbaum, M. (1997). *Cultivating Humanity: a classical defense of reform in liberal education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Osler, A., & Starkey, H. (2005). *Changing Citizenship. Democracy and inclusion in education*. Maidenhead and New York: McGraw Hill and Open University.
- Pires, J. C. (2009). *O conto dos chineses*. Alfragide: Dom Quixote.
- UNESCO (2005). *Convention on the Protection and Promotion of the Diversity of Cultural Expressions*. Edição de 2015. Retirado de <https://en.unesco.org/creativity/convention/texts>
- UNESCO (2006). *UNESCO Guidelines on Intercultural Education*. Paris: Unesco. Retirado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000147878>
- UNESCO (2014). *Global Citizenship Education. Preparing learners for the challenges of the 21st century*. Paris: UNESCO. Retirado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227729>
- Santos, G. S. M. M. (2014). *Ilustração de livros de Literatura Infantojuvenil em Portugal [2000-2009]: tipificação, tendências e padrões de recetividade do público-alvo* (Tese de Doutoramento). Universidade do Minho, Braga.
- Short, K. G. (2009). Critically reading the word and the world: Building intercultural understanding through literature. *Bookbird: A Journal of International Children's Literature*, 47 (2), 1-10. Retirado de <http://wowlit.org/Documents/LangandCultureKitDocs/22CriticallyReadingtheWorld.pdf>
- Stoer, R., & Cortesão, L. (1999). *Levantando a pedra: da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização*. Lisboa: Afrontamento.
- Tomé, M. C., & Bastos, G. (2013). Cruzar olhares para ver o mundo: A literatura infanto-juvenil e a comunicação intercultural. In C. Sarmiento (Coord.). *Comunicação, representações e práticas interculturais: uma perspectiva global* (pp. 14-26). Centro de Estudos Interculturais/ISCAP/Instituto Politécnico do Porto.
- Tomé, M. C. & Bastos, G. (2013). Immigrants and immigration in Portuguese children's literature. *Bookbird: A Journal of International Children's Literature*, 4, 47-55.